

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TURISMO E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**ADÉLIA FÁTIMA DA FONSECA
CÁSSIO LUIZ DO CARMO MENEZES**

**ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES HISTÓRICO-
CULTURAIS COMO ATRATIVOS TURÍSTICOS EM SABARÁ**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

BELO HORIZONTE-MG, AGOSTO DE 2004

**ADÉLIA FÁTIMA DA FONSECA
CÁSSIO LUIZ DO CARMO MENEZES**

**ESTUDO SOBRE AS POTENCIALIDADES HISTÓRICO-
CULTURAIS COMO ATRATIVOS TURÍSTICOS EM SABARÁ**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Turismo e Desenvolvimento Sustentável, do IGC/UFMG, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Friedrich Ewald Renger

**Belo Horizonte-MG
Instituto de Geociências da UFMG
2004**

FONSECA, Adélia F., MENEZES, Cássio L.C.

Um olhar sobre as potencialidades histórico-culturais como atrativos turísticos em Sabará. Belo Horizonte, 2004.

ix, 56 f., il.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2004.

1. Turismo. 2. Sabará. 3. Histórico-Culturais

AGRADECIMENTOS

Aos Mestres, pela dedicação e empenho que nos dedicaram no decorrer do curso, em especial ao Professor Friedrich Ewald Renger, nosso orientador, pela paciência e pela disponibilidade de material e conhecimento.

Aos Colegas, que de alguma maneira nos ajudaram, contribuindo para o desenvolvimento dos temas abordados em sala de aula, nos trabalhos em grupo e nos trabalhos de campo.

Aos familiares, pelo apoio irrestrito.

Aos amigos e colegas de trabalho, que sempre nos incentivaram para alcançarmos nosso objetivo.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho final, os nossos mais sinceros agradecimentos.

“Muito Obrigado”

SUMÁRIO

1. – RESUMO	1
2. – OBJETIVO	2
3. – INTRODUÇÃO	3
4. – METODOLOGIA	4
5. – CARACTERIZAÇÃO E ASPECTOS FÍSICOS	5
6. – CONTEXTO HISTÓRICO – O TOPÔNIMO “SABARABUÇÚ”	8
7. – AS CAPITANIAS	11
8. – NOTÍCIAS DAS PRIMEIRAS DESCOBERTAS EM MINAS GERAIS ..	14
8.1 – O QUINTO	17
8.2 – AS COMPANHIAS DE MINERAÇÃO	17
9. – O CONFLITO – A GUERRA DOS EMBOABAS	23
10. – A HISTÓRIA DE SABARÁ	26
10.1 – SABARÁ ATRAVÉS DO OLHAR DOS VIAJANTES	29
10.2 – ACERVO HISTÓRICO	30
A – MONUMENTOS SECULARES (NA CIDADE)	30
B – MONUMENTOS HISTÓRICOS RELIGIOSOS(NA CIDADE)	
40	
C – MONUMENTOS HISTÓRICOS FORA DA CIDADE	48
D – PRINCIPAIS EVENTOS NA CIDADE DE SABARÁ	50
11. – O TURISMO	51
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
13. BIBLIOGRAFIA	53

1.– RESUMO

Próxima a Belo Horizonte, a cidade de Sabará guarda preciosidades históricas e arquitetônicas. Através de visitas às igrejas e monumentos pode-se passear pela história e conhecer a arte das Minas colonial que guarda inclusive valiosas obras do mestre Aleijadinho. O acervo do Museu do Ouro muito ensina sobre o período da mineração no século XVIII.

A bandeira de Fernão Dias Paes que partiu de São Paulo no ano de 1674 para a grande aventura em busca das esmeraldas acabou por se tornar a responsável pelo início do povoamento das Minas Gerais e pelas descobertas de diversas minas de ouro. Por volta de 1682, às margens do Rio das Velhas, Borba Gato, genro de Fernão Dias, criou um roçado que até hoje é conhecido com o nome de Roças Grandes. A poucos quilômetros dali, surgiram outros arraiais: Sabará, Santo Antônio da Mouraria e Tapanhuacanga. O local se tornou um ponto de apoio para os bandeirantes que dali saíam para as incursões pelo sertão em busca de metais preciosos. Devido à generosidade das reservas auríferas o arraial de Sabará tornou-se populoso, o que lhe valeu, em 1711, a elevação à Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, que abarcou os outros arraiais.

Em 1714, foram delimitadas as três primeiras comarcas, dentre elas, a de Sabará. Sua extensão limitava-se com a Bahia, Pernambuco, Goiás, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Assim, a Vila de Nossa Senhora da Conceição do Sabará se tornou uma das mais importantes da Capitania das Minas. A vila se tornou um importante empório comercial e um centro de ourivesaria que produziu finas alfaias e jóias que se tornaram famosas no Brasil. Em 6 de Março de 1838, a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará foi elevada à cidade, sendo seu nome oficial reduzido a Sabará.

Este trabalho pretende resgatar fatos históricos-culturais da cidade de Sabará que possam contribuir para o desenvolvimento do turismo na região. Pretendemos ainda analisar as potencialidades turísticas dos aspectos históricos, culturais e religiosos do município. Consideraremos também que influência exerce o fato de Sabará estar incluído no “Circuito Turístico do Ouro” e no “Projeto Estrada Real”, visando a exploração dos marcos históricos locais para atrair um maior número de turistas ao Município.

2. – OBJETIVO

O principal objetivo dessa monografia é identificar, avaliar e descrever a rota turística histórico-cultural existente à partir dos descobrimentos das minas no circuito do ouro na região de Sabará, inventariando os pontos turísticos e resgatando assim sua história como parte das diversas “Estradas Reais” que percorreram o território brasileiro.

Os objetivos específicos são:

- a identificação da região objeto de estudo através de mapa;
- levantamento dos fatos históricos ocorridos, bem como os marcos históricos remanescentes;
- avaliar a evolução histórico-cultural da região.

Pretendemos o levantamento dos fatos históricos e culturais da cidade de Sabará, desde sua criação, a história da mineração ocorrida na região, com o intuito de motivar o interesse dos turistas que visitam o local por razões diversas: históricas, culturais, religiosas, ou mesmo o contato com a natureza e com comunidades de vida simples.

Esse trabalho não tem a característica de planejamento turístico, somente propõe o resgate de uma pequena parte da história procurando mostrar as potencialidades históricas de Minas Gerais, em particular em uma região que deu origem a uma das cidades que tiveram grande importância no cenário histórico-cultural das Minas Gerais, o Município de Sabará.

3. – INTRODUÇÃO

Sabará tem grande importância no contexto histórico nacional como uma das primeiras localidades onde foi descoberto o ouro, que foi a base econômica do Brasil Colônia e do Brasil Imperial.

O nosso enfoque foi o turismo cultural e, neste contexto, aprofundamos nossos estudos na tentativa de compreensão das manifestações históricas ocorridas na região.

Descrevemos o Município de Sabará de ontem e de hoje, com suas características geográficas e seus aspectos físicos.

Revisitamos a história de Sabará desde o período colonial até os dias de hoje, destacando a religiosidade da cidade diante do número de igrejas existentes e das manifestações que acontecem nos dias de hoje.

4. – METODOLOGIA

Para resgatarmos a história usamos a pesquisa qualitativa, onde utilizamos bibliografia específica, tais como: livros, apostilas, revistas, artigos, dissertações e monografias, dados obtidos junto às instituições públicas e privadas, assim como todo material relacionado e encontrado na internet.

Visitamos a região para reconhecimento da área estudada e fizemos uma documentação fotográfica dos principais marcos e pontos turísticos existentes.

A técnica da coleta e dados para fundamentarmos o trabalho foi através da pesquisa documental secundária do material encontrado e que compuseram as referências bibliográficas constantes no final desse trabalho, mais aqueles que apresentamos ao longo do desenvolvimento da nossa pesquisa.

A técnica de análise foi através da leitura do material bibliográfico selecionado e de relatórios elaborados a partir das observações “in loco” da região estudada.

5. CARACTERÍSTICAS E ASPECTOS FÍSICOS

Localização: Situa-se na Zona Metalúrgica de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte, distante 23 km da Capital, entre 707 e 804 metros de altitude do nível do mar.

O Município possui uma área de 315 km², constituído dos Distritos Sede, Mestre Caetano, Carvalho de Brito e Ravena.

Limites de Município: Ao Norte, com Santa Luzia; ao Sul, com Raposos e Nova Lima; a Leste com Caeté e a Oeste com Belo Horizonte.

Acessos:

- BR 381 (Belo Horizonte- João Monlevade) que corta o distrito de Ravena;
- BR 262 (Belo Horizonte-Caeté-via Sabará);
- MG 437 (Nova Lima-Sabará) sem pavimentação.

Coordenadas Geográficas: 19^o 53' 59" Latitude sul e 43^o 49' 06" Longitude Leste.

Clima ameno e salubre, com temperatura média anual em torno de 20 graus, com máxima de 29 e mínima de 10 graus (Máxima absoluta = 36 graus; Mínima absoluta = 04 graus).

O Município faz parte da bacia do Rio São Francisco. É banhado pelo Rio das Velhas, que percorre um pequeno trecho no sudoeste do município e por seus afluentes, os Ribeirões do Brumado, Sabará, Vermelho e do Gaia.

Geologicamente, na região de Sabará podem-se reconhecer três importantes conjuntos lito-estratigráficos:

- a unidade mais antiga, o *Pré-Cambriano Indiferenciado*, é composto de rochas graníticas-migmatíticas e gnáissicas. Ocorre na porção setentrional do município, representado por um relevo de colinas com vales encaixados e cristas esparsas, correspondente a uma área de transição para a *Depressão Periférica de Belo Horizonte* (parte integrante da Depressão São-Franciscana);
- sobreposto, acha-se o *Supergrupo Rio das Velhas* constituído de xistos verdes na base (Grupo Nova Lima), quartzo mica-xistos e quartzitos na porção superior (Grupo Maquine);
- a unidade superior, denominada de Supergrupo Minas, é formada predominantemente por rochas ferríferas e dolomitos, ocorrendo secundariamente, quartzitos, filitos, conglomerados e metavulcânicos.

Todas essas unidades encontram-se bastante deformadas em função do tectonismo atuante na região. O relevo é de cristas, com vertentes ravinadas e vales encaixados, correspondendo a um trecho do Quadrilátero Ferrífero.

Finalmente, com idade recente, têm-se os sedimentos aluviais-colúviais ao longo das drenagens e encostas.

A região se localiza na área de transição da *Floresta Subperenifólia/Cerrado*. A presença do coqueiro-macaúba comprova a existência de uma vegetação primitiva do tipo mata tropical. Predominam, atualmente, o cerrado degradado e a vegetação rasteira, que são utilizados como pastagens naturais, existindo ainda algumas áreas de mata secundária e algumas áreas reflorestadas.

A população, segundo o Censo de 2000: 114.557 habitantes, sendo 111.897 habitantes na zona urbana e 2.660 na zona rural.

Precipitação média anual: 1.400 mm. Umidade média relativa 79 %. Período chuvoso: Outubro/Abril. Período de Seca: Maio/Setembro.

Atrativos Naturais:

- Reserva florestal “Chácara do Lessa”, na encosta norte, bem próximo ao centro urbano;
- Reserva Florestal Cabeça de Boi, um pouco mais ao Sul;
- Parque Infantil Arthur Lima Júnior, com o mini-bosque e brinquedos.

A principal indústria do município é a siderurgia, oriunda das empresas Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, SERMATEC Ltda e BMBA – Belgo Mineira Bekaert Arames S.A. Segue-se por seu volume e importância a produção de tecidos e fios, desenvolvida pela PENTEC Industrial Ltda, e também a produção de painéis de alumínio fundido, outra indústria pioneira iniciada no Sabará e já agora imitada por outros centros industriais, inclusive São Paulo. Outras indústrias subsidiárias como serralherias, marcenarias e outras de porte menor desenvolvem-se no município.

No extrativismo mineral, destacada atividade local, sobressai a exploração do minério de ferro, granito-gnaisse, areia e cascalho. Destes, o mais importante é o minério de ferro, pela grande ocorrência e pelo valor de produção. Sobressaem-se na extração de minerais as empresas S/A Mineração da Trindade – SAMITRI, Mineração SOCOIMEX Ltda, BRUMAFER Mineração Ltda, FERTILIGAS Ind. e Com. Ltda, Mineração Morro Velho Ltda, Mineração Morro do Sino Ltda e BRIVEI Britadora Rio das Velhas Ltda.

É freqüente a presença de pedreiras dada à grande ocorrência do granito-gnaisse, que fornecem matéria-prima para a construção civil na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Existem no município duas olarias, uma localizada próxima a sede municipal (tijolo furado), outra no lugar denominado Triângulo, junto à divisa com o Município de Nova Lima.

Sabará conta ainda com uma fábrica de equipamentos médico-hospitalares de precisão, representada pela PROSAÚDE Internacional Ind. Com. Exportação e Imp. Ltda.

A indústria de ourivesaria, bicentenária no Sabará, é hoje uma indústria quase insignificante, proibida pelos pesados ônus que sobrecarregam os artífices do ouro.

A produção agrícola do município, especialmente desenvolvida no Distrito de Ravena, sobressaindo-se a cultura da banana e a produção leiteira, é quase totalmente absorvida pelo mercado da Capital, de onde retorna onerada aos mercadinhos da cidade.

6. – CONTEXTO HISTÓRICO – O TOPÔNIMO “SABARABUÇÚ”

A contextualização histórica envolve a própria formação das Minas Gerais, desde as Entradas, passando pela formação político-administrativa e as características iniciais que forjaram a sociedade mineira, nos tempos coloniais, e no início dos conflitos que culminaram na Guerra dos Emboabas.

Quando os primeiros exploradores chegaram ao Brasil o principal objetivo era encontrar metais e pedras preciosas. Suas primeiras incursões partir do litoral pelo interior em nada resultaram. Foi no contato com os índios e suas lendas que os estrangeiros obtiveram informações que as riquezas seriam encontradas no interior do Brasil, ainda por desbravar. Não faltaram histórias sobre uma terra distante, onde o ouro brotava no leito dos rios. No alto de suas montanhas podiam ser retiradas pedras de cores magníficas. O mito que envolveu a Serra do Sabarabuçu e suas supostas riquezas guarda estreita correlação com a lenda do “Eldorado Espanhol”.

A Coroa Portuguesa, supondo que a corrida aos metais preciosos lhe tiraria o controle sobre as possíveis descobertas autorizava as Entradas e as Bandeiras. As Entradas nascem tendo por objetivo a busca do ouro e a captura de índios. Bandeira foi o nome dado às grandes incursões de expedições pelo interior do país em busca dos minerais e pedras preciosas, que partiam em geral de São Paulo.

Todos sonhavam com o resplendor do Sabarabuçu, onde imaginavam encontrar jazidas de prata semelhantes às do Peru. Pela tradição indígena, o nome primitivo era *Itaberaba-assu* (*Itabarabuçu*), que significava montanha resplandescente e Alda (Ita = Pedra; barab = Reluzente; uçu = Grande).

Entre os muitos pontos ainda obscuros na história do bandeirismo em Minas Gerais alinham-se, incontestavelmente, o relativo ao nome de *Sabarabuçu*, dado ao âmbito do Sabará. A referência aparece em diversos relatos e diferentes localizações. André de Leão, procurando as nascentes do São Francisco, encontra sinais de prata nos montes *Sabaroason*, em sítio até hoje não identificado. Segundo Alfredo Ellis Júnior, autor de “O Bandeirismo Paulista” relata que, “... em 1652, uma bandeira anônima, após três meses de ásperas jornadas, chega a uma alcinhada serra do Sabarabuçu, onde descobre amostras de pedras verdes...” Ainda uma segunda bandeira, chefiada pelo sertanista Álvaro Rodrigo do Prado, vai em direção ao *Saboroboçu*. Entretanto, vários documentos apontam que tais minas ficavam pelos lados de Paranaguá.

Já no mapa de Coronelli, editado em 1688 (Miram Barros Latif – “As Minas Gerais”), vem anotada a Serra de *Sarabassu* nas proximidades da cordilheira de Apucarana, colocada pelo cartógrafo ao norte de São Paulo.

A Bandeira de Fernão Dias, em 1674, teve sua tropa quase toda destroçada no decurso da primeira etapa, do Rio das Mortes às Paraopebas, acabou por permanecer durante 4 anos em sua Quinta do Sumidouro, à espera de novos recursos, homens e munições, para prosseguir rumo ao seu destino, o nordeste mineiro longínquo. Neste tempo saem diligências à procura da prata e das pedras verdes. Borba Gato, genro de Fernão Dias, fundou uma fazenda no Itatiaia, um arraial no Jequitibá, abaixo do Sumidouro, uma feitoria em Roça Grande, às margens do Rio das Velhas. Refeita a bandeira saem rumo ao nordeste, atravessando o Serro do Frio, atingindo Tucumbira e depois para

Itamarandiba, e chega à famosa Vupabuçu, em cujos arredores recolhe os ambiciosos seixos, que toma por legítimas esmeraldas.

Em 1700 entra nos Cataguazes o governadores Artur de Sá e Menezes em sua primeira visita às minas, e, embora informado por Borba Gato da não existência de prata ou pedras verdes naquele lugar, redige ata de criação do **Arrayal de Sabarabuçu**, por um simples traço de pena de um governador afoito, surgindo a então cidade do Sabará, o famoso e jamais avistado Sabarabuçu d prata e das esmeraldas.

Até este momento, após dois séculos de incessantes pesquisas e escavações, jamais foi ali identificado senão o ferro, o manganês, a galena e o ouro.

No relatório apresentado em Lisboa por Garcia Rodrigues Pais é citada *Serababassú*, sem no entanto localizá-la, referindo-se ora ao “cerro”, ora a “região”, ora ao “distrito”, sem precisão. Mais adiante informa ter adentrado ao “*Serro do Sebarabassú*”, chamada Minas dos Catagoás ou Serra das Esmeraldas.

É sabido que a Serra das Esmeraldas aonde chegou Fernão Dias fica no nordeste mineiro, assinalada na cartografia de Minas, portanto, para Garcia Rodrigues, testemunha presencial dos fatos, *Sabarabussu* não era senão a Serra das Esmeraldas, e não o Sabará.

Rocha Pita, em “História da América Portuguesa”, define como *Sabarabassu* outra Serra das Esmeraldas que não àquela. Escreveu que: “... Quatro anos esteve Fernão Dias de demora no Sumidouro, dando no recurso delas várias entradas no Sabarabussú – que quer dizer cousa peluda, serra alcantilada, a que se chama hoje Serra Negra das Esmeraldas”.

Mais uma vez se confirma que o *Sabarabuçu* do Sabará foi designação imprópria e apressada imposta por Artur de Sá e Menezes. Ficou, porém, o nome e passou à história esse intruso e inexpressivo *Sabarabuçu*, sem embargo de ter tido apenas o mérito de condecorar com o belo título de Sabará a hoje velha e tradicional cidade mineira.

Quanto à Vupabuçu ou Lagoa Dourada de Fernão Dias seria a grande Lagoa Dourada do Rio Urupuca, afluente do Suassuí-Grande, por sua vez tributário do Rio Doce.

7. – AS CAPITANIAS

Capitania era a circunscrição territorial e administrativa criada no Brasil logo depois de iniciada a colonização. As primeiras capitánias criadas pertenciam aos donatários, isto é, eram constituídas de extensão de terras doadas a certas pessoas. E como as terras doadas eram transmitidas aos descendentes, por hereditariedade, passaram a ser chamadas capitánias hereditárias.



Luis Teixeira. Litoral Brasileiro com as Capitánias Hereditárias. Portugal. Biblioteca da Ajuda. 1574

Em 1709 foi criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro. Com o correr dos anos, dispendo da riqueza proveniente do ouro das Minas Gerais, foi a coroa comprando aos herdeiros dos donatários as capitánias hereditárias. Já na segunda metade do século XVIII não havia mais capitania alguma que não fosse governada por delegado ou rei.



Capitanias do rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (Barreiros, 1984)

Com a população nas Minas crescendo cada vez mais, em 1709, Antonil calculou-a em 30.000 almas; São Paulo não tinha mais de 15.000 habitantes. E continuava a vir tanta gente de Portugal que as autoridades chegaram a ficar alarmadas receando despovoar o reino.

Os governadores de São Paulo e Minas, apesar de tomarem posse na cidade de São Paulo, logo se recolhem para o distrito das Minas alegando a necessidade de manterem-se junto às minas para delas melhor cuidarem. A ausência do governo em São Paulo, embora lá existisse um Ouvidor letrado, leva os moradores a cometerem gravíssimos delitos e quase todos ficarem impunes. Havia necessidade de um governo das Minas, separado do de São Paulo.

E D. João V, pelo alvará de 2 de dezembro de 1720, determinou a criação da capitania de São Paulo, separada das Minas. D. Pedro de Almeida, governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, residia nas Minas. O alvará, pois, não se refere textualmente à criação da Capitania Geral de Minas Gerais, mas, sim, determinava a criação da Capitania de São Paulo, com governo próprio, separado do de Minas. Na realidade, porém, o alvará de 2 de dezembro de 1720 significou a constituição da Capitania Geral de Minas Gerais, com a desligação da de São Paulo. Barbosa, Waldemar de Almeida. A Capitania de Minas Gerais. IHGMG. Belo Horizonte, 1970. P.12.



Capitanias de São Paulo e Minas Geraís

A data de 2 de Dezembro de 1720 assinala o nascimento de Minas Geraís como unidade administrativa brasileira.

8. – NOTÍCIAS DAS PRIMEIRAS DESCOBERTAS EM MINAS GERAIS

A descoberta do ouro nas Minas em fins do século XVII fez com que, atraídos pelo valor do metal e pela esperança de um enriquecimento rápido, pessoas das mais diversas condições se embrenhassem nas matas e campos, sujeitas a todo tipo de privações, em busca das faisqueiras dos rios e córregos facilmente exploráveis.

Neste primeiro momento de ocupação desordenada do território, os povoados e arraiais surgiam e desapareciam em diferentes lugares espontaneamente, de acordo com a maior ou menor ocorrência aurífera.

As primeiras notícias da existência de ouro no Brasil são ainda de meados do século XVI, mas foi na segunda metade do século XVIII que os bandeirantes paulistas começaram a explorar os aluviões, no Rio das Velhas e em outros rios da região.

No início da mineração o ouro encontrado no leito dos rios obrigou os garimpeiros a viverem como nômades. Esgotada a lavra partiam para outras mais lucrativas. A população encontrava-se bastante dispersa, e os imigrantes vinham de todo lugar, ansiosos por fazerem riquezas naquele novo Eldorado. Quando o ouro começou a ficar escasso nos rios, a extração passou para as encostas das montanhas. O trabalho de cavar exigiu que o minerador se fixasse. As minas foram surgindo e junto a elas os núcleos povoados. A abertura do Caminho Novo, por Garcia Rodrigues Paes, intensificou ainda mais a troca de mercadorias, ligando o Rio de Janeiro às regiões mineradoras.

Entretanto, segundo o relato de Bento Furtado, um dos primeiros descobridores do ouro nos ribeiros das Minas, por volta de 1693, foi a bandeira organizada com os naturais de São Paulo e de outras vilas da “ Serra Acima”, chefiada por Antônio Rodrigues Arzão. Esta data é geralmente aceita pela historiografia para as primeiras notícias dos descobrimentos auríferos em território mineiro.

Embora aquela data seja a mais aceita e difundida, não se pode descartar a possibilidade de que descobertas anteriores, mais diretamente vinculadas aos companheiros da bandeira de Fernão Dias Paes nestes sertões à partir do ano de 1674, tenham efetivamente ocorrido. Mesmo estando seu nome ligado à busca das esmeraldas e minas de prata, seu genro Manuel da Borba Gato, que então o acompanhava nas entradas em Sabarabuçu, teria sido o responsável pelos descobertos dos aluviões auríferos na região do rio das Velhas. Todavia, ao que parece, Borba Gato não teria manifestado imediatamente os seus achados.

A bandeira de Fernão Dias, grandiosamente organizada, assim como muitas outras, que chegavam a levar até mais de cinquenta pessoas pelos sertões, ao longo do seu caminho para as Minas fez três pousos: em Ibituruna, perto da confluência do rio das Mortes com o Grande; na região do Paraopeba, e no “Sumidouro” do rio das Velhas. Nesse último pouso, a bandeira teria ficado alguns anos fazendo roças e pesquisando seus arredores, antes de prosseguir a jornada para Sabarabuçu. Borba Gato, no entanto, não seguiu com a bandeira, ficando no pouso do Sumidouro a fim de tomar as devidas providências para quando a jornada voltasse.

Em 1680 aproximadamente, organizava-se em São Paulo a bandeira chefiada por D. Rodrigo de Castelo Branco, castelhano enviado pela Coroa Portuguesa para examinar as minas de prata então descobertas em Paranaguá e as de Sabarabuçu. D. Rodrigo que,

“depois de andar pelo Peru, recolheu-se à Europa com os conhecimentos adquiridos, e como soube que o Rei de Portugal carecia de um especialista, apresentou-se para se encarregar dos descobrimentos”
Vasconcelos, Diogo de. *História antiga das minas gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974, vol. I, p.91.

Em 1673, foi nomeado pelo Rei administrador-geral das minas de ouro e prata já existentes, tendo plenos poderes e jurisdição para descobrir novas minas preciosas. Assim, em março de 1681, a comitiva chefiada pelo fidalgo partia de São Paulo percorrendo o mesmo caminho da bandeira anterior. Ao chegar ao sítio do Paraopeba, encontrou-se com Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias (já falecido), que tratou logo de dar notícia dos achados, entregando a D. Rodrigo amostras das pedras verdes encontradas.

A comitiva seguiu caminho até o pouso do rio das Velhas que ficara sob a administração de Borba. Neste local, deu-se uma discussão entre o bandeirante e o fidalgo que acabou resultando na morte desse último em agosto de 1682. A comitiva, encarregada de examinar as recém descobertas de Sabarabuçu, morto seu chefe, voltou para São Paulo. Borba Gato, temendo as represálias de que poderia sofrer por estar envolvido na morte de um comissário régio, refugiou-se nos sertões do rio Doce.

Com base em documentos históricos, esse bandeirante teria descoberto ouro antes de abandonar o rio das Velhas mas, como se procurava a princípio com aquela bandeira era prata e esmeraldas, só manifestou o descoberto por volta de 1699, quando então obteve-se o perdão real por intermédio do governador Arthur de Sá e Meneses:

Lançou-se como humilde rato o Gato aos pés de seu benfeitor, agradecendo a promessa de perdão, suposto sempre por ser condicional, mas animado da certeza com que cumpriria a condição, manifestando o ouro que tinha descoberto no rio das Velhas no tempo em que esteve no lugar em que o achou D. Rodrigo, que sempre o teve oculto por alta providência do céu para lhe servir de livramento naquele tempo. Códice Costa Matoso, 1999. Doc 02, vol. 1, p. 190.

Foi portanto, neste intervalo que em 1693 organizou-se a bandeira de Antônio Arzão, primeiramente referida. O bandeirante, com as amostras do metal obtidas no sertão da Casa da Casca quando para lá fora aprisionar índios, seguiu para o Espírito Santo, apresentando-as ao capitão-mor da capitania. Mesmo obtendo auxílio e privilégios das autoridades, não conseguiu organizar nova bandeira para voltar por aquele mesmo sertão e explorar os descobertos, pois, maltratado e doente pelas privações pelas quais passara, precisou voltar por mar, passando pelo Rio de Janeiro e daí seguindo para Taubaté, onde comunicou os achados, roteiros e mais informações para seu cunhado Bartolomeu Bueno de Siqueira, antes de morrer. Este, por sua vez organizou a bandeira que partir em 1694 rumo à Casa do Casca. No entanto, antes de chegar ao local indicado por Arzão, pousaram em um lugar chamado Itaverava onde, fazendo algumas experiências nos ribeiros, encontraram o metal precioso e acabaram por ficar no local a explorá-lo.

Inúmeras são as bandeiras que se organizaram e penetraram no território mineiro a partir da última década do século XVII e nos primeiros anos do XVIII. As andanças por regiões desconhecidas e a experiência prática adquirida nos ribeiros paulistas por vários desses descobridores fizeram com que os novos achados se manifestassem numa rápida

sequência e em diversos lugares do mesmo sertão. Os descobrimentos auríferos se ampliavam ainda mais com o repasse dessas experiências e de informações de uma bandeira para outras. Assim, espalharam-se grupos de aventureiros por diferentes rumos, animados pela esperança de poder cada um encontrar as minas de que pudessem se aproveitar com o trabalho próprio.

O valor da maior parte desses descobertos explica a enorme afluência de pessoas de todas as condições que em várias partes entraram a catar e a mandar catar o ouro nos depósitos aluvionais dos leitos e margens de rios e ribeiros. O grande fluxo dirigia-se sobretudo para as lavras das regiões de Ouro Preto, do ribeirão do Carmo e de Sabará.

Os primeiros exploradores buscavam preferencialmente explorar o leito dos rios, por ser mais fácil; esses rios logo se esgotaram, então, foi preciso retornar às montanhas, cujas jazidas tinham sido inicialmente abandonadas, por causa das maiores dificuldades encontradas para sua exploração.

A ausência de um domínio significativo de conhecimentos técnico-mineralógicos dos primeiros portugueses que se instalaram no Brasil, a grande importância dos metais preciosos no contexto das políticas mercantilistas, juntamente com as primeiras notícias das descobertas de jazidas preciosas, que alimentavam a esperança da exploração de grandes riquezas e, ainda, a preocupação em resguardá-las através do exclusivismo metropolitano, teriam levado à formação e ao aprimoramento dos próprios técnicos portugueses para a exploração e beneficiamento dos metais tanto na Colônia quanto no Reino.

Além disso, é preciso considerar ainda que os próprios descobridores/mineradores não ficaram alheios ao desenvolvimento técnico e acabaram introduzindo soluções próprias compatíveis com a realidade da mineração nas Minas. Neste sentido, a partir da adaptação de técnicas importadas às condições locais, do aprimoramento ou mesmo da invenção de outras através da observação, do experimento, e de um crescente contato com os escravos africanos, propiciaram um espaço ao desenvolvimento da técnica de extração e apuração do ouro nas regiões mineradoras da Colônia.

A melhoria nos processos de exploração deu-se gradualmente e deveu-se não só à contribuição de práticos estrangeiros mandados vir pelas autoridades portuguesas ou chegados com os forasteiros que vinham por conta própria explorar as minas, bem como com a instalação das Companhias Mineradoras que introduziram equipamentos e maquinários adequados aos trabalhos.

8.1 – O QUINTO

Tão logo a notícia da descoberta do ouro no Brasil se espalhou e se tomou conhecimento da afluência de aventureiros que se estabeleciam no novo território, o governo ocupou-se imediatamente de introduzir uma regulamentação das minas e, sobretudo, de garantir a parte que cabia à Coroa. Foi adotada uma lei que já existia em Portugal, que garantia ao Rei a quinta parte de todos os minérios extraídos, sob o nome de imposto do quinto, que foi cobrado até no início do Império, porém variava a forma e a base de cálculo.

Em 1715 esse imposto foi fixado em 10 oitavas (35,86 gramas) p/bateia (escravo). Os mineradores protestaram e, neste mesmo ano, o Rei aprovou o contrato das 30 arrobas. Essa convenção foi renovada anualmente até 1718, quando foi diminuída para 25 arrobas. Como essa contribuição era dividida de maneira muito desigual entre os habitantes das minas, o Rei D. João V decretou, por uma lei de 11 de Fevereiro de 1719, que esse sistema de imposto seria suprimido e substituído pelo quinto. E, para esse efeito, seriam construídas casas de fundição em todas as capitais de Comarcas onde todo o ouro seria fundido em barras e que seria proibido exportar ouro em pó.

Foram estabelecidas casas de fundição em Vila Rica, Sabará, São João Del Rei e Vila do Príncipe, atualmente Serro, que começariam a funcionar em 1º de Fevereiro de 1725.

Visando retardar à execução da ordem de construção das casas de fundição o povo, que pagava a contribuição anual de 25 arrobas, ofereceu para aumentá-la em 12 arrobas, passando a uma contribuição de 27 arrobas.

Em fins de 1734 veio uma ordem do rei para transformar o quinto em imposto de capitação, que era o imposto pago pelo número de escravos. Fixou-se em 4,75 oitavas (17 gramas) o valor do imposto anual a pagar por cada negro empregado nas minas, que foi mantido até 1º de Agosto de 1751.

Nova Lei de 3 de Dezembro de 1750 anulava o imposto de capitação e restabelecia a cobrança do quinto nas casas de fundição, onde o ouro seria fundido em barras e após ter sido deduzido o quinto; a Coroa impôs uma arrecadação anual de 100 arrobas de ouro a título do Quinto.

A produção nas casas de fundição, que se elevava a mais de 116 arrobas em 1759, manteve-se em cerca de 100 arrobas até 1766. Declinou a partir dessa época: não passava de 70 arrobas em 1777 e de 30 arrobas em 1808. Caiu para 7 e 2 arrobas em 1819 e 1820, respectivamente.

8.2 – AS COMPANHIAS DE MINERAÇÃO

Por sugestão do Barão Von Eschewege, que foi enviado a Minas Gerais para examinar o estado das minas e que, através de seus estudos e pesquisas aconselhou a criação das Companhias de Minas, foi finalmente redigida Carta Régia de 12 de Agosto de 1817 autorizando a formação de sociedades por ações para a exploração das jazidas auríferas, estabelecendo os estatutos que deveriam ser aplicados. Essa lei sobre as Sociedades das

minas encerra as diversas fases da legislação estabelecida pelos portugueses para a exploração das jazidas auríferas de Minas Gerais.

Devido às facilidades concedidas pouco depois da Independência do Brasil pelo novo Governo para a organização das sociedades estrangeiras, várias jazidas importantes foram à partir daquele momento, exploradas por companhias que introduziram técnicas de mineração adequadas à exploração do ouro.

O Quadro I – (Pluto Brasiliensis, W.L.Eschewege -2º Volume – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979) a seguir mostra a relação de todas as lavras de ouro dos distritos da Província de Sabará, incluindo os proprietários, situação e natureza das lavras, número de trabalhadores e produção total do ouro em 1814.

TERMOS	PRE-GUESIAS	DISTRITOS	NOME DOS MINEIROS	LAVRAS	LAVRAS		TRABALHADORES EMPREGADOS NAS LAVRAS		FAISCADORES		PRODUÇÃO DAS LAVRAS	PRODUÇÃO DOS FAISCADORES	PRODUÇÃO TOTAL																																																	
					Formação	Cascalho	Libres	Escravos	Libres	Escravos				Oitavas	Oitavas																																															
VILA NOVA DA RAINHA		Conceição	Transporte Capitão Luís Soares de Gouveia Pedro Alexandre da Fonseca e sócios Jerônimo Francisco Moreira e sócios Antônio José Ferreira e sócios Domingos João e sócios	000 Rio Preto Rio S. Bárbara Rio Brumado Galego	C. C. C. C. C.	— — — — —	— — — — —	30 16 8 12 15	— — — — 19	— — — — 22	229% 70 10 30 —	— — — — 902	—																																																	
														SABARRÁ	Igreja Grande	Francisco de Almeida Neto Sargento Joaquim Dias de Magalhães José Luís de Andrade Cap. Agostinho Neves de Faria D. João Roiz Lamego Alf. Antônio Fernandes da Silva, como feitor C. Gonçalo Rodrigues	Grupiara Mouro por Minas Vieiros no Mº Idem Idem Lavra de Pedra —	C. — — — — C.	— F. — — — — —	— 2 4 25 4 15 25 10	— 8 — — — 71 8	— — — — — — — —	40 15 — — — — — —	61% — — 167% 48 85 181 40	1.084% — — — — — 1.234%	—																																				
																											SABARRÁ	Lapa	Tenente Carlindo Jacinto Teixeira João Pereira Corrêa Leão Pereira Corrêa	Brumado Casa de Pedra Idem	— C. C.	— — —	3 8 6	— — 20	— — 28	47% 39% 24%	— — 682%	—																								
																																							RAPOSSOS	Pompêo	Capitão Manuel Teixeira Torres Alf. Anticeto Ferreira Torres Coronel Antônio Barbosa da Silva C. M. J. de A. da Cunha Padre José de Araújo da Cunha	Taboleiro Lavra do Morro, com engenho Idem com engenho Morro, taboleiros e grupiaras Lavra de Rio do Morro Taboleiro Idem Serviço do Morro Idem, com engenho Morro Lavra de Cascalho	— C. C. C. C. C. C. C. C. C.	F. F. F. — F. F. F. F. F.	4 4 — — — — — — —	— — — — — — — — —	6 — — — — — — — —	25 — — — — — — — —	160 60	— 584	—											
																																																				RAPOSSOS	Arraial Velho <i>Rege grande</i>	D. Maria Pereira C. João da Costa Viana O Vínculo de Jaguara Manuel Rodrigues de Aguiar A transportar	Lavra do Cascalho Idem Idem — 000	C. C. C. C.	— — — — —	10 6 7	— — — 13	— — — 64	— — — 132%	—

Já no Quadro II aparecem relacionadas as principais jazidas auríferas de Minas Gerais no distrito de Sabará administradas pelas Companhias de sociedades estrangeiras, em 1894 (segundo Ferrand):

NOME DA JAZIDA	PROPRIETÁRIOS
Dona Florisbela	Companhia Aurífera de Minas Gerais
Duffles	Duffles e outros
Espírito Santo	Ouro Preto Gold Mines of Brazil, Limited
Faria	Societéj dès Mines d'Or de Faria
Gabiroba	Saint-John d'El Rey Mining Company Ltd.
Gaia	Saint-John d'El Rey Mining Company Ltd.
Morro da Glória	João Pereira da Costa e outros
Morro Velho	Saint-John d'El Rey Minig Company Ltd.
Raposos	Ouro Preto Gold Mines of Brazil, Limited
Capão	East Del Rey Mining Company, Limited
Para Farinha	East Del Rey Mining Company, Limited
Pissarão	
Taquaril	

Fonte: Ferrand, Paul. O Ouro em Minas Gerais

A seguir faremos um breve relato sobre as Companhias que apresentam maior interesse, nas redondezas de Sabará:

a) Imperial Brazilian Mining Association (1824)

Denominada Imperial Braziliam Mining Association adquiriu a propriedade das minas de Gongo Soco (a mais importante), perto de Caeté, de Cata Preta, perto do inficionado, e de Antônio Pereira, perto de Ouro Preto, bem como parte das terras auríferas da Serra do Socorro, vizinha do Gongo.

A quantidade de ouro produzida na mina de Gongo Soco durante os primeiros anos foi tal que, no curto espaço de 13 anos, de março de 1826 ao fim de 1839, essa mina produziu cerca de 11 toneladas de ouro.

b) Saint John D'el-Rey Mining Company, Limited (1830) (Mineração Morro Velho Ltda)

Esta companhia formou-se visando a exploração das jazidas auríferas situadas ao norte de São João Del Rey que foram abandonadas em fins de 1834, quando os trabalhos passaram a ser realizados em Morro Velho, perto de Congonhas do Sabará, hoje Nova Lima.

Desde o começo das operações até o fim de 1886 a mina de Morro Velho produziu 58.344 quilos de ouro. A produção anual mais elevada foi de 99.255 gramas em 1884. A produção total de ouro desde o início das operações elevou-se a cerca de 700 quilos.

Além da mina de Morro Velho a Companhia tentou explorar as minas de Gaia e de Gabiroba, vizinhas da precedente, e a mina de Cuiabá, perto de Sabará, entretanto, nenhuma delas deu resultados satisfatórios.

Sob a administração da Anglogold, foi fechada em Outubro de 2003 quando produzia em torno de 500 toneladas de ouro.

c) National Brazilian Mining Association (1833)

A mina de jacutinga aurífera de Cocais, situada perto da vila de mesmo nome, a nordeste do Gongo, não deu o resultado esperado, produzindo até 1846 207.900 gramas de ouro. Foi inundada em 1851, quando a Companhia rescindiu o contrato.

d) East Del Rey Mining Company Limited (1861)

Formada em 1861 propunha-se explorar as minas de quartzo aurífero de Capão e de Papa Farinha, perto de Sabará.

Infelizmente os trabalhos executados mostraram que se tratava de jazidas irregulares. Em 1863 a Companhia transferiu suas operações para o Morro São Vicente onde explorou as jazidas de quartzo aurífero do Morro São Vicente e do Morro das Almas. Os trabalhos da primeira exploração cessaram em 1875, os da segunda, em 1876.

e) Roça Grande Brazilian Gold Mining Company, Limited (1864).

Foi constituída em 1864 com a finalidade de explorar a jazida de quartzo aurífero de Roça Grande, perto de Caeté. Embora se esperasse exploração lucrativa, uma vez que havia sido avaliado o teor em diversos pontos, os resultados não corresponderam a essa expectativa, e, há muito, a mina está fechada.

f) Brazilian Gold Mines, Limited (1880)

Constituída em 1880 visava explorar uma jazida de vários filões de quartzo aurífero depois de Caeté, ao pé da Serra da Piedade.

Com resultado desastroso, foram retirados apenas 15 quilogramas de ouro, a Companhia entrou em liquidação, tentando se reconstituir em 1887.

g) Societé dês Mines d'Or de Faria (1887)

Constituída em 1887 com a finalidade de explorar a mina do Faria, situada perto de Congonhas de Sabará, atualmente Nova Lima.

Liquidada em outubro de 1893 foram extraídas apenas 7,57 gramas de ouro por tonelada de minério tratado.

h) Empresa de Mineração do Caethé (1892)

Associação formada pelos senhores Baptista, Mascarenhas, Bicalho e outros com a finalidade de explorar as minas de Carrapato, Carvalho e Arraial Velho, agrupadas todas ao sul de Caeté.

i) Companhia Aurífera de Minas Gerais (1892)

Estabelecida em 1892 com a finalidade de explorar diversas jazidas metálicas. Adquiriu depois a jazida de quartzo e pirita de D. Florisbela.

9. – O CONFLITO – A GUERRA DOS EMBOABAS

A descoberta das minas de ouro mudou os rumos da economia colonial. Milhares de pessoas abandonaram suas regiões à procura do ouro, atraídas pelo novo “Eldorado”. Os paulistas foram os primeiros a abrir os caminhos e a descobrir o ouro, desbravando o interior, em busca das minas. Era natural que não quisessem dividir seus valiosos achados com os forasteiros que começaram a chegar na região. Como pioneiros, se achavam no direito de posse das terras. Mas os forasteiros iam chegando com armas e dinheiro e tornavam-se donos das melhores lavras. Essa migração desagradava os paulistas. A quantidade de pessoas que chegava à região das minas tornou praticamente impossível o controle da posse das terras e as dificuldades de abastecimento ocasionaram repetidos choques armados entre os grupos opositores.

“Um grande surto de fome assolou as minas em 1697-1698. Muitos mineiros, com os alforjes cheios de ouro, morreram sem encontrar um pedaço de mandioca, pelo qual dariam uma pepita.” Bueno, Eduardo. Brasil: uma História – A incrível saga e um país. S.Paulo (Ed. Ática) 447p. 2002.

Apesar da fome que se instalou nas Minas ter sido terrível uma crise de desabastecimento ainda se abateria sobre a região em 1700. A massa humana que se dirigiu às minas entre 1700 e 1720 foi superior a 150 mil pessoas, das quais mais de cem mil eram escravos. Ao longo do século XVIII, cerca de 430 mil paulistas, cariocas, baianos, portugueses, indígenas e negros da Guiné ou de Angola percorreram as trilhas que separavam o litoral do Sudeste do Brasil das “serras da fortuna e da danação”.

O viajante francês Auguste de Saint-Hilaire escreveu um século mais tarde que

Todos os vícios tiveram morada na região das minas. Todas as paixões desencadearam-se ali: ali se cometeram todos os crimes...”

Em decorrência das privações nas minas, matava-se por tudo e por nada. Não havia o que comer: todo animal ou vegetal existente já fora consumido. Matavam uns aos outros pela ambição de ficarem com o ouro.

Foi inevitável a explosão do conflito: nas minas foi travada a terrível “Guerra dos Emboabas”, o confronto entre os paulistas e os “forasteiros” (especialmente portugueses) pela posse das minas e em decorrência da falta de víveres, mantimentos, vestimentas, ferramentas, armas e munição, fumo e bebidas.

Existem diversas explicações etimológicas para o termo, mas o mais provável é que seja um termo vindo do tupi amó-abá, cujo significado é “estrangeiro”. Os paulistas chamavam os forasteiros, principalmente os portugueses, de emboabas. Em pouco tempo também os baianos e pernambucanos se aliaram aos portugueses na luta pelo ouro, a palavra tomou significado mais amplo, designando assim todos os que eram contrários, todos os opositores dos paulistas eram chamados emboabas.

O ponto de referência para o início das lutas baseia-se na determinação de Borba Gato, superintendente das Minas, em expulsar dali o chefe dos emboabas, Manuel Nunes Viana, um influente comerciante e minerador que viera da Bahia, sob o pretexto de que o dito Capitão-Mor estava desencaminhando ouro e trazendo da Bahia outras mercadorias além do gado, (disputava-se em Minas Gerais o monopólio da carne, fumo

e aguardente), que era a única mercadoria regulamentada pela Coroa, sob pena de confisco dos bens, prisão e castigo.

Nunes Viana denunciou a ilegalidade, injustiça e arbitrariedade da ordem de expulsão, e proclamou o direito dos emboabas de continuarem a trabalhar e viver nas minas.

Borba Gato publicou então outro edital com novas ameaças.

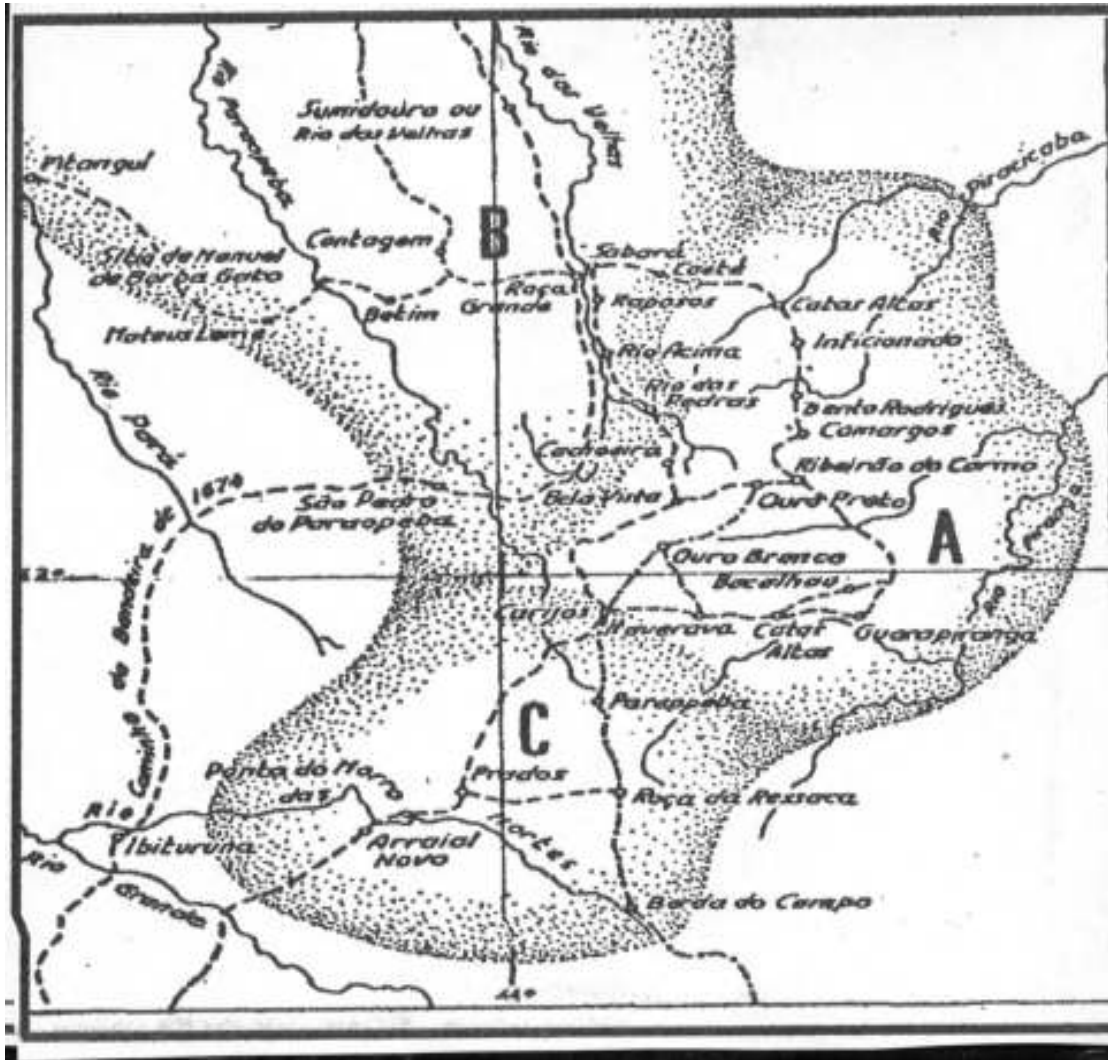
Os emboabas, ao perceberem que a guerra era iminente, se uniram em torno de Nunes Viana, transformando em quartel a sua casa em Caeté e proclamando-o seu chefe General das Minas, e, com um exército de dois mil homens, marcharam para os arraiais de Sabará, Rio das Velhas, Raposos e Roça Grande, local que se concentravam os paulistas, onde os combates foram intensos e sangrentos, culminando com a vitória dos emboabas.

O primeiro confronto deu-se em maio de 1707, quando um paulista matou o português dono de uma estalagem em Ponta do Morro (vilarejo próximo a São João Del Rei). Depois deste incidente, três episódios semelhantes ocorreram. Em todos eles, um paulista matara um emboaba por motivo fútil. Sob a liderança de Manoel Nunes Viana, os emboabas reagiram, incendiando Sabará e expulsando boa parte dos paulistas da zona das minas. O último combate ocorreu a 22 de novembro de 1709 nas vizinhanças do arraial do Rio das Mortes, quando, depois de oito dias de luta, os paulistas desistiram de tentar tomar o arraial onde os emboabas estavam entrincheirados.

Expulsos os paulistas, os emboabas reorganizaram a administração e elegeram Nunes Viana para Governador de Minas, até que a Coroa Portuguesa designasse um outro.

Os paulistas ainda tentaram retomar, tempos depois, o controle das minas, em áspersos combates, que duraram vários dias. Nas vizinhanças do arraial do Rio das Mortes, em novembro de 1709, embora contassem com um exército de mais de dois mil homens, foram novamente derrotados.

Os mineiros não venceram a luta apenas no campo militar: logo depois, eram criadas as primeiras vilas – Vila do Carmo, Vila Rica, Sabará e Caeté – e as Câmaras Municipais passavam a substituir as assembléias populares formadas por Nunes Viana. Organizava-se, assim, o núcleo do poder civil, e os bandeirantes perdiam definitivamente a esperança de retomar o controle das Minas.



O Mapa do Conflito, segundo Barreiros, 1984, p.49

10. – A HISTÓRIA DE SABARÁ

Segundo Aires da Mata Machado Filho, quem viaja por Minas Gerais, nos tempos de hoje, e encontra grandes cidades como Belo Horizonte, Juiz de Fora, Montes Claros e Governador Valadares, entre tantas outras, é tentado a acreditar que essas concentrações urbanas são um fenômeno recente no território mineiro, que seria antes uma província de caráter rural.

Entretanto, Minas foi urbana antes de ser rural, e o barroco mineiro é a expressão original e a mais elevada de uma complexa sociedade que se desenvolveu entre as montanhas e produziu um pensamento autônomo e formas de arte – pintura, escultura, arquitetura, música e literatura – que a caracterizam como civilização absolutamente singular, no conjunto do universo colonial brasileiro.

O barroco, em todas as suas manifestações, era um visão global do mundo. O barroco mineiro traduziu, além disso, a própria estrutura de uma sociedade urbana contraditória, por ser ao mesmo tempo hierarquizada e dinâmica, aparentemente estagnada e sempre às vésperas de uma explosão, fechada em suas tradição herdadas de Portugal e aberta para engendrar novos papéis e classes sociais.

As primeiras cidades de Minas – Sabará, Vila Rica, Mariana, São José, São João, Paracatu – eram pouco mais que um teatro da imensa religiosidade popular, num tempo em que a religião foi tudo: culto, paixão, arte, destino, organização política e social e única forma possível de lazer.

A precoce urbanização de Minas não aconteceu por acaso, ainda que não fosse resultante de um plano global de ocupação do território. Os arraiais nasciam e cresciam onde houvesse ouro a ser explorado. Por isso, quase todos situam-se em vales profundos, à beira de rios e córregos, nos quais o ouro aflorava entre a areia e o cascalho.

E foi nesta procura que, em 1673, por ordem de D. Pedro II, sai a bandeira de Fernão Dias Paes Leme, que se aventura pelos sertões em busca da Serra de Sabarabuçu, onde acreditava-se havia imensa quantidade de pedras e minerais preciosos.

Esta bandeira chega a São João do Sumidouro e lá permaneceu por quatro anos em Quinta ali plantada aguardando reforços para prosseguir sua jornada. Borba Gato, genro de Fernão Dias torna-se um andarilho e funda uma estância à beira do Rio das Velhas, a qual dá o nome de Santo Antônio de Roça Grande.

Em 1682, em uma discussão entre Borba Gato e o fidalgo D. Rodrigo de Castelo Branco, que viera às minas para examinar as descobertas, tendo sido morto o fidalgo, Borba Gato refugia-se nas matas do Rio Doce.

Finalmente, por volta de 1699, obteve-se o perdão real por intermédio do governador Arthur de Sá e Meneses, sendo logo nomeado Guarda-Mor e provedor dos quintos (impostos de 20% que o erário português cobrava sobre substâncias minerais extraídas do solo), conforme o seguinte termo:

“Aos dezoito dias do mês de abril de 1701, neste Arraial de Santo-Antônio do Bom Retiro do Rio das Velhas, em as cazas de MORADA do tenente-general Manuel de Borba Gato, Guarda-Mor deste distrito, fez entrega em minha presença o dito Guarda-Mor ao secretário Joseph Revello Perdigão, de 1.656 oitavas de ouro em pó, pertencentes à fazenda de S. mag.” (“Anais da Bibl. Nacional – Arquivo da Casa dos Contos, ultimamente coligidos Por A.J.A. Bueno de Azevedo, pág.73”)

Tendo regressado em 1700 Borba Gato encontrou o Sabará como um núcleo florescentes e rival de Roça Grande, com formação de vários arraialetes, onde uma população emigrada da Bahia, São Paulo e dos recém descobertos Ribeirão do Carmo, Ouro Preto, Caeté e Pitangui entregava-se à exploração de ouro.

Entretanto, não constam dos primeiros registros do Erário Régio o nome de Manuel de Borba Gato. Igualmente, não figura o seu nome, na concessão das primeiras datas minerais e de sesmaria alguma dentro do Sabará. Tampouco ele é citado nos primeiros aforamentos, na construção de casas, nas licenças para lojas, nas habitações para ofícios, nem nas primeiras eleições para camaristas do Sabará. Apenas em 1703 aparecem registros do pagamento de quintos em Sabará, porém em nome de terceiro.

Questiona-se o fato de que, sendo Borba Gato o patriarca, o fundador do arraial, seu nome não figurar na lista dos primeiros moradores do arraial, muito menos na ata da elevação da Vila em 1711, morando em Roça Grande, a poucos quilômetros de distância.

Acredita-se que por razões históricas, uma vez que ainda não surgiu à tona um documento comprobativo de quem armou ali o primeiro rancho, é que Sabará não teve um só fabricante, nem foi o resultado de determinada bandeira. Formou-se pelo afluxo migratório de vários grupos de aventureiros, oriundos das mais diversas regiões.

No entanto, deve-se fazer justiça a Manuel de Borba Gato e a Garcia Rodrigues Paes, pois foram as duas figuras mais expressivas do alvorecer das Minas.

Em 17 de Julho de 1711 foi lavrado o ato de criação da Villa Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará, cujo teor segue transcrito:

“Termo de Ereção da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará”

Aos dezessete dias do mês de Julho, de mil setecentos e onze, neste arraial da Barra do Sabará e casa em que se acha o Senhor Governador e Capitão-General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, achando-se presentes em uma Junta Geral, que o dito Senhor ordenou para este mesmo dia, as pessoas e moradores principais do dito arraial e distrito dele, e do Rio das Velhas, lhe fazem presentes, o dito Senhor, que na forma das ordens de S.M. que Deus Guarde, tinha determinado levantar uma povoação e Vila neste dito distrito e arraial, que compreendesse os arraiais sobreditos, por ser o sítio mais capaz e cômodo para ela, e que como para esta se erigir, era conveniente e preciso, concorrerem os ditos moradores para as fábricas de igrejas e Casa da Câmara e cadeia, como era estilo e pertencia a toda as repúblicas, deviam eles ditos moradores, cada um conforme suas posses, concorrerem para o dito efeito, com aquele zelo e vontade que esperam de tão bom vassallos do dito Senhor, pois também lhes convinha tanto para seu aumento e conservação, como para que com todo sossego, pudessem melhor tratar de suas conveniências, e assim deviam nesse particular, dizer o que entendiam, sujeitando-se a viver como são obrigados. O que visto e ouvido por todos eles, uniformemente ajustaram e concordaram que eles desejavam viver neste distrito, como Vila e forma de República, sujeitos à lei e à justiça de S.M., que Deus Guarde, como leais vassallos, concorrerem conforme suas posses, com tudo o que fosse necessário para se levantar a Vila neste sobredito arraial de Sabará, por ser o mais capaz e assim ajudariam para se fazer a Igreja e Casa da Câmara, não só os presentes, como também todos os mais da jurisdição, deste distrito, o que não deviam faltar fiados em que S.M., que Deus Guarde, lhes ponha, também, aquela boa forma de justiça a que desejam viver sujeitos e, da mesma sorte, esperavam, dele, Senhor Governador,

que em tudo os ajudassem e protegesse e advertisse, para que com todo o acerto se iguallassem os seus procedimentos, às obrigações de vassallos. E desejavam que esta sua nova Vila se intitulasse Vila Real de Nossa Senhora da Conceição por ser padroeira de sua paróquia. E de como assim se ajustou, mandou o dito Senhor Governador fazer aqui este termo, que todos assinaram. E eu, Miguel Pegado, Secretário deste Governo o escrevi – Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho – Sebastião Pereira de Aguiar – José Correa de Miranda – Pedro Gomes Ferreira – José Borges Pinto – Frei Quaresma Franco – Domingos da Silva Cruz – Sebastião José de Seixas Borges – Lourenço Pereira de Azevedo Coutinho – Francisco Borges de Faria – Braz Rabelo Marinho – Domingos Mendes Pereira de Siqueira – José Soares de Miranda – Lucas de Andrade Pereira – Antônio José Braz Fernandes – Francisco de Brito de Castro – Antônio Leme da Guerra – João Linhares - Antônio da Fonseca Barcelos – Braz Esteves Queiroz – Manuel Carvalho da Silva – Manuel Pereira Rodrigues – Antônio dos Santos Barros – João Rosa de Araújo – Félix de Azevedo Carneiro e Cunha – João Duarte da Costa – Floriano da Costa – Jerônimo Ribeiro da Costa – João da Fonseca Figueira – Manuel Ribeiro Meira – Francisco Alves da Veiga – Joaquim Teixeira de Lima – Simão Passos Correa – João Velo Ban (ilegível) – Francisco de Sá Ferreira de Menezes – Antônio Pinto de Magalhães Ribeiro – Alexandre de Paiva – João de Miranda Júnior.

No dia 18 de Julho foi realizada a eleição dos Membros da Câmara.

O Termo da Vila Real compreendia prósperos arraiais, principalmente com atividades de extração do ouro: Pompeu, Lapa, Raposos, Roça Grande, Congonhas do Sabará, Rio das Pedras, São Vicente, Curral Del Rey, Paraopeba, etc. A Comarca do Rio das Velhas foi instituída a 06 de Abril de 1714, com sede na tradicional Vila Real, pelo Governador Dom Braz Baltazar da Silveira, que sucedeu a Antônio de Albuquerque.

Sua extensão era enorme confrontando com as Capitâneas de Pernambuco e Bahia ao norte e Rio de Janeiro no sul. A posição geográfica da sede da Comarca favoreceu sua formação como um dos mais importantes centros comerciais da Capitania.

A Vila Real do Sabará não foi apenas o maior empório comercial de Minas Gerais no Século XVIII e em mais da metade do Século XIX. Foi o maior centro de ourivesaria no Brasil, possuindo o melhor artesanato não só de alfaias sacras, como de jóias de todo gênero. Em apenas um século, o ouro conseguiu o que as demais atividades não conseguiram em dois: atrair e fixar grande massa de homens brancos, além de construir um capital que tornasse o Brasil capaz de desbravar e reconhecer grande parte de seu território, inclusive o estabelecimento de via interior, o caminho da Bahia para Minas. Segundo o Barão de Eschewege, a Intendência de Sabará chegou a arrecadar 487 arrobas de ouro no período de 1735 a 1751 (em comparação com as intendências de Ouro Preto, Vila do Príncipe e Rio das Mortes).

A 6 de Março de 1838, pela Lei Provincial nº 93, a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará foi elevada à categoria de cidade com a denominação simplesmente de Sabará.

Com o passar do tempo, despojada do metal que até então foram sua razão de ser, começou a decair. Sabará tornara-se uma cidade quieta e melancólica, a viver de glórias passadas, enquanto o tempo apagava pouco a pouco as marcas da antiga opulência.

Silencioso mas presente, o ferro aguardava sua oportunidade. Como previra Eschewege, geólogo e mineralogista alemão, ao afirmar que “nenhum país do mundo se prestava mais que este para a construção de usinas metalúrgicas – de ferro – especialmente”.

Em 1918 foi criada a Companhia Siderúrgica Mineira que construiu uma usina com um alto-forno. O fato da antiga Vila Real ser próxima do “futuro centro consumido e

exportador” – Belo Horizonte – fez de Sabará o lugar ideal para este empreendimento. Em 1921 associando-se a um consórcio europeu é constituída a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, que acabou se estendendo a outras localidades. A obra iniciada em Sabará passou a contribuir em grande escala para o desenvolvimento da economia nacional.

Grande foi a influência da indústria siderúrgica sobre a cidade. Com as rendas se multiplicando pode a Prefeitura saldar velhos compromissos e promover melhoramentos.

E com tudo isso a antiga Vila Real voltou a desempenhar um papel tão importante quanto o que lhe fora reservado no século dezoito.

10.1 – SABARÁ ATRAVÉS DO OLHAR DOS VIAJANTES

É patente a importância da região de Sabará na história mineira visto o interesse que ela já despertou nas mais diversas pessoas. Estudiosos de diferentes áreas já passaram por esta região, que, sem dúvida, atraiu muitos viajantes, motivados pelas mais diversas razões.

O Barão de Eschwege, que esteve no Brasil pelo período de 1811-1820 e lá esteve escreveu que, embora o sertão de Sabará tenha sido explorado antes de outras regiões auríferas, nem assim se povoou mais cedo, ou tampouco ganhou mais fama que outras regiões auríferas posteriormente descobertas. Tal fato deveu-se, não só aos maus caminhos, como ao fato de que imigrações em maior escala só aconteceram em finais do século XVII e começo do século XVIII.

Para os naturalistas alemães Spix e Martius, que estiveram no Brasil de 1817 a 1820, a Vila Real de Sabará pareceu bem aprazível. Fizeram elogios quanto à beleza dos morros e a graciosidade do Rio das Velhas. Salientaram também o asseio das casas, principalmente das de negócio, que eram bem guarnecidas de mercadorias e às ruas, em parte bem calçadas, que atestavam a riqueza dos habitantes. Aquela época a comarca de Sabará era uma das mais importantes das quatro Minas Gerais. A Casa de Fundação local produziu a maior porção de barras de ouro, mais do que as outras três que existiam na província. Não deixaram também de mencionar a cultura do juiz de fora, o Sr. Teixeira, que possuía vasta biblioteca e morava em uma bela chácara que “ostentava alamedas de preciosas laranjeiras, coberta de frutos, várias espécies de pequenas árvores frutíferas européias e de mirtáceas brasileiras...”.

Em 1867 o viajante inglês Richard Burton visitou Sabará, bem como as regiões vizinhas, e descreveu pormenorizadamente seu estado de decadência. Iniciou seu relato ressaltando a evolução das construções, que passaram de pau-a-pique a pedra e cal. Deparou-se com uma cidade toda pavimentada, possuidora de muitas fontes e quatro chafarizes de água puríssima. Richard Burton faz um belo relato sobre todas as construções existentes, desde casas, inclusive as comerciais, até as igrejas. Narra parte da história de Sabará, sua criação, e os conflitos acontecidos. Chamou a atenção para um sentimento, por ele definido como bárbaro, chamado “desconfiança” e pela vadiagem – de pretos e mulatos – que não tinham “coisa melhor a fazer”, após o tesouro

da terra ter se esgotado em 1846. Burton ainda profetizou que com a navegação do Rio das Velhas, que já estava começando e que faria comunicação com o Rio São Francisco, Sabará poderia tornar-se um segundo St. Louis, o que infelizmente nunca aconteceu.

10.2 – ACERVO HISTÓRICO

O centro histórico de Sabará é um ótimo exemplar de cidade mineira constituída durante o Ciclo do Ouro. Apesar de a maior parte das construções coloniais terem dado lugar a novas construções, a imensa maioria sem valor arquitetônico, suas ruas e becos conservam muito de seu traçado colonial. Descreveremos a seguir os principais monumentos.

A – Monumentos Históricos Seculares (da cidade)

1) Museu do Ouro – Antiga Casa da Intendência e Fundação



Museu do Ouro – Antiga Casa da Intendência e Fundação

O Mestre-de-Campo Faustino Rebelo Barbosa, segundo documento de 24 de Fevereiro de 1731, alegava ter construído uma Casa de Fundação na Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará. No ano de 1735 foi estabelecida a Casa da Intendência. Por volta de 1840 o imóvel foi a leilão.

A construção serviu durante algum tempo como colégio, sendo posteriormente adquirida pela Cia. Siderurgia Belgo Mineira no ano de 1937, doando-a ao Estado para a instalação do Museu do Ouro de Sabará. Inclui-se dentre as mais significativas construções por seu inestimável valor histórico e arquitetônico. Trata-se do único exemplar ainda de pé, no Brasil, tendo funcionado com Casa de Intendência e Fundação.

Suas linhas arquitetônicas são características do século XVIII, em adobe e pau-a-pique. Na fachada as janelas apresentam grades em madeira torneada. No andar superior encontramos a sala dos Quatro Continentes com pinturas representativas no teto, e sabor ingênuo, simbolizando a Europa, Ásia, África e América, tendo no centro as armas portuguesas.

Diversas peças de mobiliário e imaginária estão expostas no pavimento superior, distribuídas nas diversas salas e quartos que serviram ao Intendente. No andar inferior, calçado em seixos rolados, estão expostas peças, maquetes e instrumental diversificado, ligados ao Ciclo do Ouro. Uma prensa, introduzida no prédio em inícios do século XVIII, possivelmente em 1750, para a cunhagem das barras de ouro, encontra-se no mesmo local até os dias de hoje.

Devido ao contrabando e a abundância do precioso metal amarelo, normas especiais foram estabelecidas pela Coroa Portuguesa. O ouro somente poderia ser comercializado em barras, contendo o selo real. Obviamente que a cunhagem e a transformação em barras deveria ocorrer na Casa da Fundição, passando a haver um maior controle por parte do Intendente. As penas eram extremamente severas para os infratores. O Museu do Ouro possui ainda uma rica biblioteca mantendo ainda todas as características arquitetônicas de época, levando o visitante à uma ambientação como se estivesse em pleno Século XVIII.

Atualmente, desde Julho de 2004, encontra-se fechado para restauração.

2) Rua D. Pedro II (antiga Rua Direita)



Rua Direita

Implantada no início do século XVIII, a Rua D. Pedro II, antiga Rua Direita, constituía a principal via do primitivo núcleo da Barra, alocando inclusive a própria sede da Vila. Seu conjunto, pelo expressivo número de edificações remanescentes do período colonial, é considerado o mais significativo do acervo arquitetônico de Sabará. De pequena extensão, seu traçado é curvilíneo e de pouca atividade, iniciando seu primeiro trecho nas proximidades do rio Sabará, e terminando na Praça Melo Viana, centro comercial da cidade. Em seu trecho inicial, até as esquinas da rua Comendador Viana e da República, verifica-se conjunto de casas, em alvenaria de adobe com beiradas em cimalha de madeira, vãos emoldurados com vergas alteadas e sobrevergas trabalhadas e janelas tipo guilhotina. Neste trecho, encontram-se apenas duas edificações que fogem aos padrões da arquitetura colonial, sendo que uma delas, embora mantenha o partido colonial, adaptou-se ao gosto da época de implantação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Cabe, entretanto, assinalar, que este trecho da rua apresenta alguns pontos de descontinuidade e descaracterização, fruto de reformas inadequadas e pela presença de muros e quintais que quebram a sequência do casario.

O segundo trecho da rua D. Pedro II situa-se entre as esquinas da rua da República e Comendador Viana até a Praça Santa Rita e Rua Luiz Cassiano, e constituiu o conjunto mais homogêneo que dá força e identidade a todo o logradouro. Na primeira metade da rua destacam-se interessantes sobrados com sistema construtivo em alvenaria de adobe, cunhais de madeira e vãos emoldurados com sobrevergas trabalhadas e guarda-corpo em madeira recortada. Cabe mencionar neste trecho da rua, o prédio da Biblioteca Municipal, composto internamente por interessante jardim e corredor lateral pavimentados em seixos rolados.

3) Solar Padre Correia



Também faz parte do conjunto arquitetônico do século XVIII, na Rua Direita. Construída pelo Padre José Corrêa da Silva, nascido em 1739, bacharel formado em Coimbra e filho de rico português que tinha botica de remédios em Sabará.

Por ocasião do atentado dos Távora contra Dom José I, então Rei de Portugal, o Padre Corrêa espalhou boletins manuscritos anunciando a morte do soberano e a queda do truculento Marquês de Pombal. Anos mais tarde, segundo documentos, ele figurou como testemunho da Devassa, em depoimentos sem importância.

Foi ainda dono de uma das principais minas que formam hoje a “St. John Del Rey Mining Company”, atualmente o complexo da Mineração Morro Velho. Por volta de 1758, quando distribuía os manuscritos citados acima, foi preso e teve seus bens confiscados. Ao subir ao trono de Portugal, D. Maria I perdoou o Padre Corrêa devolvendo-lhe ainda todos os seus bens.

A construção de 1773, possui a particularidade de um misto de arquitetura rural e urbana ao mesmo tempo. Os primitivos balcões individuais com guarda-corpo em madeira torneada, foram substituídos por uma estreita varanda com grades de ferro. Na parte inferior, algumas salas apresentam pinturas originais com motivos alusivos a seu uso. Em uma delas, um dos mais antigos ex-libris conhecidos no Brasil, com os emblemas do dono da casa: um barrete de Padre, uma pena e um livro.

Uma escadaria nobre com guarda-corpo em jacarandá torneado, em dois lances, conduz ao pavimento superior onde, no Salão Nobre, estão expostos móveis dos séculos XVIII e XIX, além de quadros.

Em um dos salões da parte posterior, como ligação para a varanda em estilo rural, uma belíssima capela interna apresenta um retábulo no melhor estilo rococó, com talha atribuída ao Aleijadinho. A porta almofadada é encimada pela imagem de São José. No trono do altar, a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Abriga nos dias de hoje a Prefeitura Municipal de Sabará.

4) Casa Azul



Localizada na antiga Rua Direita este belo casarão chama a atenção pela magnitude de sua fachada e por sua portada que denota a influência religiosa na arquitetura civil, implantada no alinhamento da rua, com acesso em degraus de pedra. Internamente possui pinturas no teto, a exemplo do Solar Padre Correia. Na sala-capela, o forro apresenta pinturas alusivas ao Espírito Santo e o retábulo estilizado, em madeira trabalhada, com decoração em relevo dourado.

Atualmente funciona ali uma repartição do INSS.

5) Casa do Aleijadinho



Casa de Aleijadinho

Do lado direito da Igreja do Carmo está uma pequena casa com três janelas e uma porta, acessível por uma tosca escada de pedras. Embora não haja documentos que comprovem a data de sua construção, sua arquitetura é similar às construções do século XVIII e, reza a tradição que nela, mais de uma vez, residiu o Aleijadinho, durante a execução de seus trabalhos em Sabará.

6) Casa Borba Gato



Casa Borba Gato

A denominação “Casa de Borba Gato” decorre do fato da Câmara Municipal, ao comemorar o bicentenário de Elevação da Villa Real, em 1911, ter batizado a antiga rua onde se localiza o prédio, com o nome do bandeirante paulista descobridor das Minas do Rio das Velhas. Para o povo, naquele casarão, só poderia ter morado o intrépido conquistador; era a derradeira homenagem dos sabarenses ao genro de Fernão Dias, um tributo ao imaginário popular.

O sobrado tem características das construções do século XVIII com paredes de adobe e pau-a-pique (taquara, barro e cal) e forro no estilo “gamela”. O corredor de entrada do prédio é calçado em seixo rolado e as alas laterais do primeiro andar apresentam uma sequência de cômodos enfileirados e intercomunicados. No andar superior, há praticamente a repetição da planta do pavimento inferior. Os balcões individuais são guarnecidos com grade de madeira torneada.

No entanto, em fins do século XVIII o proprietário da casa localizado à antiga rua da “cadeia”, esquina com o “Beco que vai para o Rosário”, era o rico Padre João de Souza Guimarães.

Atualmente funciona nele um importante centro de pesquisas e estudos e a Biblioteca que pertencia ao Museu do Ouro, ambos sob a administração do IEPHA.

7) Teatro Municipal



Teatro Municipal

50 anos depois da construção da Casa da Ópera de Vila Rica, inaugurava-se em Sabará o outro estabelecimento que documenta, ao lado de Ouro Preto, a grandeza e singularidade do primeiro período da história do teatro em Minas.

Erguida em fins da segunda década do século XIX, parece ter substituído um primitivo teatro. A construção do novo edifício ocorre curiosamente num momento de crescente depressão econômica para toda capitania, especialmente para aquelas regiões como a do Rio das Velhas, que tinha toda a sua atividade material e social apoiada na exploração do ouro.

De maiores proporções arquitetônicas e condições de conforto de que a de Vila Rica a abertura da Casa de Ópera, a 2 de Julho de 1819, por ocasião das festas gratulatórias pelo nascimento da infanta Maria da Glória, ensejou aos habitantes de Sabará oportunidade não só de traduzir o seu orgulho por uma obra, como igualmente tornar público o seu nível cultural em relação ao de outras vilas mineiras.

Fatos ocorreram durante a presença do imperador D. Pedro I no Teatro, que foi aclamado em sua entrada pelo brado de “Viva o Imperador”, ouvindo-se como resposta, do próprio povo que o aclamava, “enquanto for constitucional”, em desagrado à sua política. Em 1881, o Teatro recebe a visita do Imperador D. Pedro II.

A construção do prédio, de influência inglesa, remonta aos teatros a época da Rainha Elizabeth I, daí, ser também conhecido como Teatro Elizabetano. Apresenta uma das melhores acústicas, os camarotes são dispostos em três galerias sobrepostas, formando um semi-arco, dando, de qualquer ponto, ampla visão do palco. O forro em esteira harmoniza-se com as formas leves e alegres da arquitetura interna.

A animação do palco sabarense começou a declinar por volta de 1896 com o nascimento da nova capital mineira. Belo Horizonte. O surgimento do cinema foi também responsável pela decadência do Teatro em Sabará.

8) Chafariz do Kaquende



Chafariz do Kaquende

Trata-se de um dos mais famosos em Minas. Sua construção foi concluída em 1757, em alvenaria de pedra parcialmente revestida de massa e pintura. Na fachada, ornato em pedra com Coroa e o Escudo e duas bicas simples que jorram água sobre um pequeno tanque de pedra na fachada, uma pequena placa de pedra traz a inscrição “E.P.S.D.A./D. 1757. Também aqui as armas portuguesas foram arrancadas por ocasião da Independência”. Diversas lendas envolvem o Chafariz que conserva em sua água, o mesmo teor e temperatura média durante todo o ano, indiferente às intempéries.

Dizem que quem beber de sua água sempre retorna a Sabará. Outrora saía um diabo do chafariz, à meia-noite, seduzindo as donzelas que encontrasse no caminho, as quais geravam figuras semelhantes ao diabo. Esta é uma das muitas lendas do Chafariz.

9) Chafariz do Rosário



Chafariz do Rosário

Localizado na Praça Melo Viana, próximo à Igreja do Rosário, apresenta arquitetura em alvenaria de pedra, construído em 1752, e tido como o mais belo exemplar sabarense, mostrando alguns ornamentos em pedra-sabão na fachada, como a Coroa e Escudo, bem como as carrancas. Aqui também as armas portuguesas foram arrancadas por ocasião da Independência do Brasil.

O coroamento ou frontão em pedra, com ornatos e volutas encimado por uma cruz de pedra lembra, por suas linhas arquitetônicas, os trabalhos encontrados na Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

10) Chafariz do Corte Real



Chafariz do Corte Real

Está localizado na Praça Bueno Brandão, erigido em alvenaria de pedra com enquadramento por cunhas “à maneira de pilastas e cimalthas em duplo frisco levemente encurvado ao centro com ornamento simples na fachada com a inscrição 1809”.

B – Monumentos Históricos Religiosos na Cidade

11) Igreja de Nossa Senhora do Ó



Igreja de Nossa Senhora do Ó

Erigida em 1717, está localizada no antigo arraial de Tapanhuacanga, fundado pelo paulista Bartolomeu Bueno da Silva e seus parentes, a Igreja do Ó é uma das mais importantes construções religiosas do país. A origem de sua denominação deve-se ao fato de que, na comemoração da Festa da Padroeira, que era comemorada na semana que antecede ao Natal, eram cantadas as Ladainhas, que repetia, a cada dia, as sete antífonas, ou versículos, sempre precedidos por um Ó, o que levou a ser popularmente denominada de Igreja do Ó.

A fachada com sua porta almofadada vinda de Macau, apresenta detalhes orientais, com interior exuberante, numa profusão de vermelho dourado e azul em talha representativa da primeira fase do barroco mineiro. Nas faces frontais do arco-cruzeiro, painéis com motivos chineses pintados à ouro, tendo a maioria dos personagens representados “olhos amendoados ou orientais”, inclusive dos animais, dando um toque bem oriental ao interior desta belíssima construção.

12) Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



Igreja Matriz

Erigida entre 1701 e 1710, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição apresenta talha representativa das primeira e segunda fases do barroco em Minas, que difere do barroco litorâneo porque é criativo e ambientado às características de vida e material da região, sendo portanto altamente criativo, com trabalho de talha sobre madeira, mostrando uma fachada com partido arquitetônico característico de inícios do Século XVIII, e que substituiu a antiga capela de madeira.

Composta com 3 naves, contem arcos de separação em cedro recoberto por talha dourada. Além do altar principal, existem 6 altares laterais, que representam cada irmandade então existente, sua feitura, ornamentação e culto. A exemplo da Igreja do Ó, motivos chineses podem ser vistos na porta da sacristia. Os púlpitos em madeira incluem-se entre os mais belos e singelos de Minas. Sua iluminação é bastante engenhosa, devido à colocação de vidraças bem próximas ao forro, o que proporcionou uma iluminação suave e agradável.

De acordo com publicação de 1864, a Matriz possuía “setenta e tantas arrobas de prata em obra de primoroso trabalho, riquíssimas alfaias e paramentos”. Toda a suntuosidade e riqueza da talha barroca contrasta violentamente com a grande simplicidade da arquitetura externa causando espanto aos visitantes.

13) Igreja Nossa Senhora do Carmo



Igreja N.Sra. do Carmo

A 8 de Agosto de 1762 a Irmandade da Ordem Terceira do Carmo de Sabará que se reunia em uma das sacristias da Matriz de N.Sra. da Conceição tomou a iniciativa de construir a sua Igreja. Entre 1771 e 1774 contou com a intervenção de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, autor dos trabalhos de esculturas que ornamentam o frontespício, bem como outras peças internas. Sua ornamentação é representativa do estilo rococó, que encontrou no Mestre Aleijadinho seu artista maior.

De acordo com alguns documentos, de 1779 a 1781, o Mestre Aleijadinho participou na elaboração da escultura dos púlpitos, coro, balaustrada, as imagens de São Simão Stock e San Juan de La Cruz. A construção da igreja segue o traçado do barroco português contanto com a influência local no material empregado, como o itacolomito, utilizado nos cunhais e o serpentinito, usado na portada.

Cenas do Novo Testamento foram gravadas nos púlpitos mostrando uma outra faceta do gênio da escultura do Século XVIII – seu senso crítico – evidenciado no protesto contra o racismo e a opulência da Irmandade.

14) Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos



Igreja do Rosário

Por volta de 1713, em uma “pequena capela de madeira” existente no mesmo lugar onde está o atual templo, fundava-se a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Barra do Sabará. Devido a problemas econômicos, a evolução dos trabalhos foi lenta. Várias tentativas de dar continuidade às obras foram feitas. Entretanto, a decadência das minas e a Abolição da Escravatura foram obstáculos decisivos para o término das obras, ficando tal como está, um testemunho vivo de três importantes etapas: a mais antiga, representada pelo coro e nave; a tentativa de ampliação da igreja, representada pela capela-mor e sacristias; e a luta pela conclusão do templo refletiva nas paredes em pedra, na parte inacabada.

A igreja possui ornamentação interna muito pobre. Em uma das sacristias funciona a Exposição de Arte Sacra com imagens e peças do século XVIII, que foram recentemente restauradas, com destaque para um trabalho em terracota, configurando Nossa Senhora da Piedade, trabalho atribuído ao Mestre Aleijadinho.

O que chama a atenção é sua localização, que fica no centro da cidade, diferentemente de todas as igrejas dos Pretos que sempre ficavam na periferia, como era comum à época.

15) Igreja Nossa Senhora das Mercês



Igreja N.Sra. das Mercês

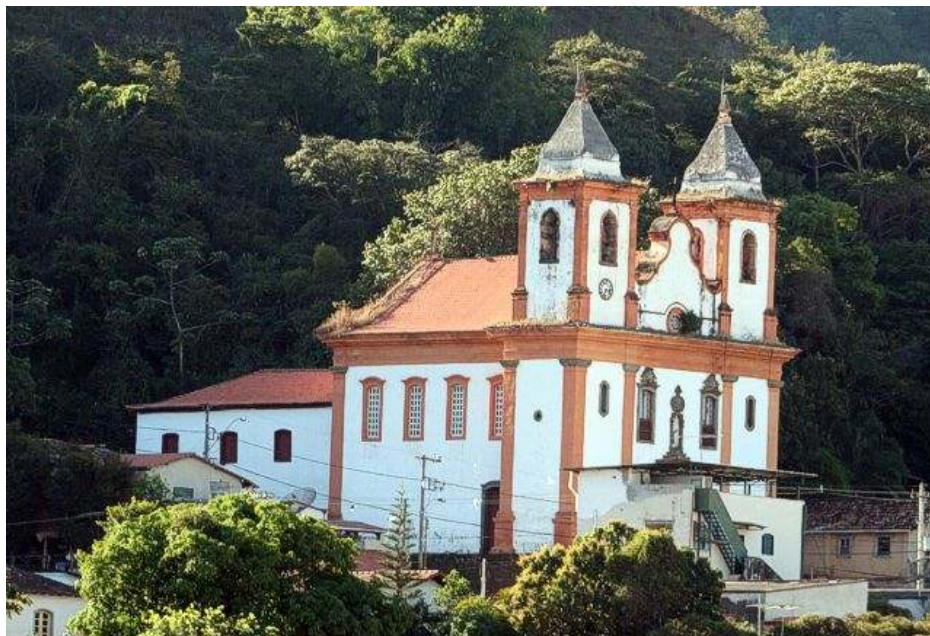
Localizada no “morro da Intendência”, a exemplo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição apresenta linhas arquitetônicas em sua fachada, características da fase inicial da arquitetura religiosa em Minas, na primeira metade do século XVIII. Sabe-se que por volta de 1781, passou a Igreja por uma grande restauração, sendo totalmente reedificada. A iniciativa da construção coube à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, agremiação de homens de cor, da qual não se sabe a data de instalação em Sabará.

Diante da simplicidade ornamental da Igreja, concluiu-se que a Irmandade vivia em meio a sérias dificuldades financeiras. Em 22 de Maio de 1825, a Irmandade suspendia as festas da Padroeira para urgentes reparos, diante das péssimas condições do prédio, sendo os festejos reiniciados dois anos mais tarde.

Sua ornamentação é rústica, muito pobre. Os dois altares junto ao arco-cruzeiro são elaborados em tábuas lisas, sem decoração, entretanto sua localização é privilegiada.

Em 19 de Junho de 2003 o monumento foi alvo de um incêndio criminoso. Um ano depois a Prefeitura de Sabará entregou a igreja totalmente reformada, com os altares laterais e o principal semelhantes aos originais.

16) – Igreja de São Francisco



Igreja S.Francisco

A construção atual foi erigida no mesmo lugar onde existia anteriormente uma primitiva capela em madeira, dedicada à Nossa Senhora Rainha dos Anjos, de quem São Francisco era devoto. Devido ao fato, a Igreja passou a ser popularmente denominada como Igreja de São Francisco, contrariando ao fato comum dos demais templos católicos serem identificados popularmente com ligação à Padroeira.

Em 1761, na primitiva Capela de madeira, fundou-se a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco de Assis dos Homens Pardos a qual, segundo historiadores, era integrada por comerciantes e intelectuais, uma vez que “os senhores de minas não eram vistos como homens de futuro”, dada à decadência do ouro.

Todo o material utilizado nas obras era proveniente das cercanias, como a pedra retirada do Morro de São Francisco e a pedra-sabão foi trazida de Caeté. A ornamentação da igreja é bastante simples, contudo, aspectos arquitetônicos tornam-na ímpar dentre as construções religiosas de Sabará, sendo a única que apresenta: púlpitos no arco-cruzeiro; sacristia na parte posterior; sala-consistório; tribunais na capela-mor; corredores laterais; maior altura interna e externa.

17) – Passo da Rua do Carmo



Passo Rua do Carmo

Localizada bem próxima à Igreja do Carmo, é mais uma edificação religiosa cujos elementos documentais sobre sua construção são raros. Embora conhecida como “Passo do Calvário”, presume-se que a mesma tenha funcionado como capela autônoma, dedicada à Santa Luzia, cuja imagens ainda hoje é venerada no pequeno altar ali existente.

Durante a Semana Santa, esta capela é utilizada para as liturgias externas, durante as tradicionais Procissões. Passo do Carmo e Passo do Calvário, são algumas denominações mais conhecidas.

18) Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho



Capela N.Sra. Bom Despacho

A exemplo de outras construções similares, não foram encontrados elementos documentais sobre sua edificação. Atualmente funcionada como pequeno templo com invocação própria e regulares ofícios. Por ocasião da Semana Santa funciona como Capela Passo. Localizada próxima ao Chafariz do Kaquende, sua ornamentação é bem simples. Antes de sua reedificação ocorrida em 1983, trazia na fachada a inscrição “1840.

19) Capela Senhor Bom Jesus



Capela Senhor Bom Jesus

Localizada em ponto elevado, no Morro da Cruz, de onde se tem ampla visão dos vales dos rios Sabará e das Velhas. Seu interior é bem simples, apresentando sinais evidentes de diversas restaurações, alguns introduzindo, impensadamente, novos e modernos elementos. O retábulo da capela-mor em talha e pintura simples, tem no trono a imagem de Cristo crucificado.

Tradicionais festas religiosas são ali realizadas como a Festa do Padroeiro, a Festa de Santa Cruz e a Via Crucis da Penitência, por ocasião da Semana Santa.

C – MONUMENTOS HISTÓRICOS FORA DA CIDADE

20) Igreja de Sant'Ana do Arraial Velho



Igreja de Sant'Ana

Construída na primeira metade do século XVIII à margem de trecho da Estrada Real ligando Sabará à Ouro Preto e Mariana. Seu altar mor apresenta talha em madeira policromada no melhor estilo D. João V. No adro, uma tosca sineira traz um marco importante na história deste templo: um sino fundido em Sabará, com inscrição de 1759. O Arraial de Sant'Ana foi um dos núcleos pioneiros na formação cultural e histórica de Sabará.

21) Capela de Nossa Senhora do Rosário – Ravena



Capela N.Sra.Rosário – Ravena

Também não foram encontrados elementos documentais sobre esta edificação religiosa que tem, como característica arquitetônica, a torre central, semelhante à Igreja de Nossa Senhora do Ó.

22) Igreja de Nossa Senhora da Assunção – Ravena



Igreja N.Sra. Assunção – Ravena

Outrora chamada de Nossa Senhora da Assunção da Lapa, nome do antigo arraial, hoje Ravena, a igreja matriz é depositária de inestimável tesouro barroco. Detalhes de sua decoração apresentam recursos de grande exuberância, beleza e criatividade. A igreja foi da Paróquia de Sabará até 1855, quando então foi elevada à condição de sede paroquial.

23) Trecho da Estrada Real



Trecho da Estrada Real ligando Sabará à Ouro Preto e Mariana ao lado da Igreja de Sant'Ana do Arraial Velho.

D – PRINCIPAIS EVENTOS NA CIDADE DE SABARÁ

- Corpus Christi (Junho)
- Folia de Reis (Dezembro)
- Carnaval (Fevereiro)
- Festival da Cachaça (Julho)
- Semana Santa (Abril)
- Festa do Criador (Junho)
- Festival do Ora-pro-nobis (Maio)
- Festival de Sabará (Julho)
- Festa de Santo Antônio de Roça Grande (Junho)
- Festas Juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro, com a realização do forró de Sabará
- Festa do Cavalo em Ravena (Setembro)
- Festival da Jabuticaba (Novembro)
- Festa de Nossa Senhora do Rosário (Outubro)
- Festa de Nossa Senhora Assunção de Ravena (Agosto)
- Festa de São Sebastião de General Carneiro (Agosto)
- Festa de Nossa Senhora da Conceição padroeira de Sabará (Dezembro).

11. O TURISMO

Pautado na questão do imaginário, a viagem começa pelo “interior” do turista, em seu pensamento, em sua necessidade de se deslocar pelo mundo. Começa por um desejo, por um sonho. E a viagem é a exteriorização desta vontade, deste sonho.

Em seu imaginário, podem estar contidas várias motivações, por vezes até subjetiva, como por exemplo, a necessidade de expressar sua fé. Vivenciar e experimentar coisas novas, extravasar suas emoções, aventurar, descansar, entreter-se, ocupar de maneira efetiva e proveitosa o seu tempo de lazer.

Neste sentido, o turismo histórico-cultural oferece várias possibilidades, porque nesta modalidade estão contidos vários componentes que podem ser apropriados para o turismo que, de maneira geral, são os sinais, registros, vestígios, testemunhos da passagem do homem e da sua ação sobre o meio.

O turismo religioso também se faz presente desde o início dos tempos, qualquer que tenha sido a época, o povo ou sua religião, pois as pessoas já se deslocavam para expressarem a sua fé, ou para exercitar o sentido místico de suas existências. No Brasil, e também em todo o mundo, é grande a motivação religiosa, marcada principalmente pelas peregrinações.

Em Sabará, percebemos que o turismo acontece no decorrer do ano, durante as realizações dos festejos que fazem parte do calendário, e também, espontaneamente, com excursões de finais de semana, ou mesmo de um dia somente.

Comparada com as principais cidades do Ciclo do Ouro, como Ouro Preto e Mariana, a região de Sabará não mostra os mesmos índices de desenvolvimento no tocante ao turismo, mesmo abrigando potencialidades turísticas interessantes e podendo ter nessa atividade mais uma alternativa de crescimento econômico.

Há de se pensar no resgate, incentivo e desenvolvimento dos empreendimentos visando atrair um maior e diferenciado contingente de turistas com a inclusão, efetiva, nos circuitos turísticos como o do “Circuito do Ouro” e “Estrada Real”.

O envolvimento da comunidade nos empreendimentos turísticos torna-se essencial para alavancar este setor, pois o seu desenvolvimento está ligado ao progresso, bem estar e prosperidade.

É necessário que se faça uma melhor divulgação de sua história, dos fatos que contribuíram para o desenvolvimento do município, resgatando personagens que atuaram na região, bem como a preservação dos monumentos lá existentes.

Não foram diagnosticadas mudanças no turismo em Sabará pelo fato da cidade estar incluída no “Projeto Estrada Real”. Tais mudanças só poderão ser observadas após a efetiva inclusão do Município neste projeto e da participação, também efetiva, dos órgãos públicos na divulgação, no planejamento e na criação de empreendimentos que incrementem o desenvolvimento turístico na região.

12. – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao resgatarmos parte da história de Minas Gerais, centrada principalmente na cidade de Sabará, tentamos analisar as potencialidades histórico-culturais da região como atrativos turísticos.

Ao efetuarmos esta análise verificamos que muito ainda há de ser feito para o desenvolvimento destas potencialidades como atrativos turísticos, pois constatamos que pouco se conhece da história e dos fatos que marcaram o surgimento da cidade de Sabará.

Há de se pensar numa maior divulgação desta fatos históricos ocorridos na região uma vez que, para que se tenha interesse na visitação dos locais,   necessário conhecer sua história, dando ênfase na importância cultural e na sua contribui o para o desenvolvimento do país.

Esperamos que, com este trabalho, possamos contribuir para a divulga o da história, da cidade, e dos fatos que foram tão relevantes para a constru o do nosso Brasil.

13. – BIBLIOGRAFIA

SANTA ROSA, Antônio. Conhecendo o Sabarabussu. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

VIANA PASSOS, Zoroastro. Em torno da História de Sabará. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942.

ALMEIDA, Lúcia M. Passeio a Sabará. São Paulo: Livraria Martins, 1964.

BUENO, Eduardo. Brasil: Uma História – A incrível saga de um país. São Paulo: Ed. Ática, 447 p., 2002.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. A Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: A Ibérica, 1970.

FERRAND, Paul. O Ouro em Minas Gerais. Belo Horizonte: Sistema Estadual de Planejamento; Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 350p., 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e Pedras Preciosas. In: História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 518 p. 1960. Tomo I: A Época Colonial, vol.2.

BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Vol. 1. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

ESCHWEGE, W.L. Von. Pluto Brasiliensis. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, V.1-2, 1979.

Machado, Aníbal. As Guerras Mineiras. In: Caminhos de Minas

Revista do Arquivo Público Mineiro:

. Descobrimto e Devassamento do Território – V II, 314p, 1902.

. Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Geraes. Orville A. Derby. V.5, 1899/1900.

. Os primeiros descobrimentos e ouro nos districtos de Sabará e Caêthé. Orville A. Derby. Vol. V, 1899/1900

. Fernão Dias Paes. Descobridor das Esmeraldas. Conselho Ultramarino. 1682 – Capistrano de Abreu, 1921.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais:

. Origem e fundação do Sabará. Salomão de Vasconcelos. V. II, 1945/1946.

Revista: Roteiro do Turista. Igreja Nossa Senhora da Conceição. Secretaria de Turismo de Sabará, 2001.

Revista Itinerário do Turista. Igreja Nossa Senhora do Ó e Santo Antônio de Pompeu. Sabará. 2002.

Folder's publicados e/ou distribuídos pela Secretaria Municipal de Esporte, Lazer, Cultura e Turismo de Sabará.

Sites na internet:

. www.sabara.mg.gov.br

. www.planeta.terra.com.br/educacao/br_recursosminerais